



Lohan tocava sua flauta sentado sobre o galho de uma velha e gigante seringueira. O cabelo escuro do garoto de pele clara dançava ao ritmo do vento. Vislumbrando o fim da tarde, assistia aos últimos raios de Sol que queimavam as nuvens no horizonte, pichando-as com tons de vermelho e laranja. Lohan tinha a impressão de que as nuvens eram ilhas em chamas; e o azul do céu, um imenso mar que contornava o arquipélago.

O mar era algo que Lohan nunca tivera a chance de conhecer, ouvia relatos sobre ele vindos de seu pai, nada mais. Mas, de acordo com as descrições, teve certeza de que não seria muito diferente do que via no céu naquele momento.

Com seus treze anos de idade, o garoto nunca tivera sequer uma oportunidade de sair da vila em que morava com sua família. O limite para todos os habitantes da vila era claro e obedecido sem maiores dificuldades, já que os poucos que ousaram ultrapassar a delimitação imposta por Higuero, o mago que domina a região e quem nela vive, não voltaram para contar o que podia ser visto além das colinas.

A noite caía. Lohan precisava voltar à vila. Descendo vagarosamente para não escorregar nos úmidos galhos, o garoto foi surpreendido por um grito logo abaixo.

— LOHAN?!

Com o susto, Lohan vacilou a força nas mãos e soltou-se involuntariamente, sentindo o peso do corpo pender para trás. Aqueles instantes pareceram acontecer vagarosamente, mas, como resultado, Lohan encontrou-se caído de costas sobre o solo fofo coberto por folhas.

Sentindo falta de ar causada pelo impacto nas costas e com os olhos fechados pela dor que sentia, Lohan reconheceu a voz do amigo, que continuava a gritar seu nome.

— LOHAN?! LOHAN?! AH! VEJA SÓ! AÍ ESTÁ VOCÊ! VEJA O QUE ACHEI! — dizia Jorba, não escondendo sequer um dos dentes no enorme sorriso que abria. Lohan tossia e tentava puxar o ar novamente.

— OLHA! OLHA! — insistia o garoto tentando mostrar algo para Lohan, praticamente enfiando entre os olhos do acidentado um objeto.

Lohan sentou-se. Piscando seus olhos escuros, tentava focalizar o rosto à sua frente.

Mesmo com a visão embaralhada, pôde reconhecer Jorba por algumas de suas características marcantes, como a silhueta rechonchuda, o cabelo louro sempre penteado, o nariz achatado e as inconfundíveis orelhas de abano.

Lohan esticou o braço, fazendo o sinal de pare.

Jorba, finalmente, entendeu que algo poderia estar errado.

— Rapaz, você está bem? — questionou Jorba calmamente.

Lohan não respondeu, abaixou a cabeça e sentiu o ar começando a voltar timidamente.

— Como você desceu tão rápido? Você não teria caído! Teria? — perguntou Jorba, incrédulo.

Sentindo que já conseguira recuperar fôlego suficiente para pronunciar algumas palavras, Lohan indagou:

— O que acha?

Jorba pensou por alguns segundos e respondeu com os olhos arregalados:

— Achei que essas coisas só aconteciam comigo.

Lohan levantou-se, sentindo cada parte do corpo doer.

— Que queda, hein? — comentou Jorba, checando a altura considerável de que Lohan despencara.

— Já estou melhor, obrigado — agradeceu Lohan sarcasticamente.

— Que bom! — disse o amigo, dando alguns tapinhas nas costas de Lohan, sem entender o toque de ironia. — Você está cheio de folhas nas costas.

— O que queria me mostrar afinal? — perguntou Lohan, debatendo-se, quase recuperado.

— AHHH! — gritou Jorba novamente. Lohan teve certeza de que, se estivesse em cima de outra árvore, levaria outro tombo na certa.

— Veja...

Jorba mostrou a mão gorda, revelando um osso.

— E o que tem isso de mais?

— Ora... mais um osso para minha coleção — resmungou Jorba mostrando irritação.

Lohan já havia se acostumado, sempre que se afastavam um pouco da vila, Jorba ficava à procura de ossos para aumentar sua coleção.

— Isso eu já sabia, Jorba. Pelo seu entusiasmo, deve ser de algum animal especial. De qual é? — perguntou, percebendo que um arranhão na perna causado pela queda começava a sangrar.

— Sinceramente? Você não gostaria de saber, Lohan.

— Diga! Quero saber, sim — afirmou Lohan. Jorba não costumava encontrar nenhum osso especial, talvez tivesse algo realmente raro nas mãos.

— Bom, é sério! Rapaz, você não gostaria de ouvir minha resposta — explicou Jorba rapidamente. — Vamos voltar... está escurecendo.

— Diga logo, Jorba — insistiu Lohan, suspeitando do amigo.

Os dois começaram a caminhar em direção à vila. A noite estava chegando e já podiam vê-la ao longe, com algumas velas acesas iluminando o interior das cabanas.

— Deixa pra lá...

— Assume.

— O quê?

— Que você nem sabe o que achou!

— Como você pode duvidar de mim, Lohan? Achei que fosse meu melhor amigo.

— Então me diga logo!

— Você não entenderia. Ficaria com medo de ir até a seringueira novamente — disse Jorba fazendo cara de entendido. — Como sei que você adora ir até a seringueira, é melhor nunca saber.

— Então não me diga... mas acho que você poderia me dizer a verdade.

— Lohan... então fale! Diga exatamente o que você quer ouvir. Que não conheço nada sobre minha coleção? Certo? É isso que espera que eu diga?

Jorba ficou em silêncio com os olhos fixos no chão, como se tentasse tomar coragem para confessar algo terrível. Lohan apenas aguardou calado.

— NÃO CONHEÇO NADA SOBRE MINHA COLEÇÃO! O MÁXIMO QUE CONSIGO IDENTIFICAR SÃO OSSOS DE PEQUENOS LAGARTOS E ROEDORES! — gritou Jorba sentindo-se

humilhado e levando as mãos gordas ao rosto.

— Não fique assim, posso tentar te ajudar, se quiser — sugeriu Lohan, tentando apoiar o amigo, arrependendo-se de tê-lo pressionado daquela forma para dizer a verdade.

Jorba baixou as mãos e mostrou-se animado novamente.

— Sério? Faria isso? Ótimo! Provavelmente vai querer colecionar ossos também.

— É! Quem sabe? — concordou Lohan para alegrar Jorba.

— Tenho alguns crânios de lagarto e vértebras de ratos repetidas, se quiser troco por pedaços daquele maravilhoso bolo que somente sua mãe sabe fazer. Olha, só de pensar já dá água na boca. Que delícia!

Lohan percebeu um filete de saliva escorrendo pelo canto da boca de Jorba.

— Bem, por enquanto não. Vamos cuidar da sua coleção primeiro — disse Lohan, tentando se esquivar da oferta. — Mas, se quiser comer o bolo, acho que minha mãe preparou um esta tarde.

— Ótimo! Aceito um pedaço para abrir o apetite.

Os dois já estavam na vila. As cabanas eram construídas de madeira, as estruturas rústicas estavam alinhadas, dando um toque de organização à formação da vila. O poço, ao lado da cabana de Lohan, possuía uma pequena cobertura de palha, o balde pendia e rangia devido à força do vento, chamando a atenção dos dois garotos. Perceberam que Suryanne se aproximava, vindo daquela direção.

— Olá, meninos. O que estavam fazendo de interessante? — perguntou a garota, que tinha a mesma idade dos dois meninos.

O cabelo escuro de Suryanne era penteado propositadamente de forma rebelde. Os olhos negros piscaram e da pequena boca um agradável sorriso foi aberto para Lohan e Jorba.

— Bem, eu estava aumentando minha coleção de ossos — disse Jorba satisfeito.

Jorba apoiava uma das mãos na cintura, e com a outra balançava o osso, pendendo-o entre o indicador e o polegar, como se mostrasse um valioso troféu.

Suryanne achou cômica aquela cena. Olhou para Lohan, que segurava a risada, e deu de ombros.

— E o que encontrou hoje, Jorba? — perguntou a garota, tentando mostrar-se entusiasmada.

Suryanne possuía uma inteligência extraordinária. Neta de Ulisses, o curandeiro da vila, adorava aprender com o avô os segredos que a natureza escondia nos seres vivos e como ajudá-los. A garota alegrava-se em conversar com Jorba. Considerava o rechonchudo garoto a pessoa mais divertida que já conhecera, e Jorba retribuía a simpatia, pois ela era uma das poucas pessoas que não caçoavam de seu jeito naturalmente desengonçado.

— Bem... é um...

Percebendo que Jorba estava perdendo a pose de vitorioso, Lohan teve uma vontade súbita de ajudá-lo.

— Ele acabou de me dizer que é de um corvo das montanhas...

— Sério? — perguntou Suryanne, desta vez realmente entusiasmada.

Jorba gaguejou.

— Ma... ma... mas é claro! — concordou Jorba, agradecendo Lohan com o olhar.

— Posso ver? — perguntou a garota, de rosto delicado e pele clara, estendendo a mão.

Jorba entregou o osso a Suryanne cautelosamente.

— De que parte do esqueleto do pássaro ele é? — perguntou a garota, estudando o osso minuciosamente.

— É uma peça difícil de ser identificada... — disse Jorba, tentando mostrar-se entendido novamente.

— Ora, estudei a anatomia dessa ave ontem mesmo... preciso me lembrar — decidiu-se Suryanne. — Espere, Jorba, não me diga ainda.

Jorba congelou. O único movimento que conseguiu fazer foi olhar para o amigo.

Lohan entendia os olhares de Jorba como ninguém, e aquele era o olhar do tipo: “Rapaz, você precisa me salvar de mais esta”.

— Está bem! Desisto! Jorba, qual é este osso mesmo? Não me lembro de tê-lo visto no desenho do esqueleto.

— Lohan! Diga a ela. Quero ver se aprendeu... — disse Jorba, com pingos de suor brotando na testa, empurrando a responsabilidade para o amigo.

Lohan colocou a mão sobre a testa e disse repentinamente:

— Escápula!

— Escápula? — perguntou Suryanne, incrédula.

— Escápula? — questionou Jorba num tom de voz tão baixo que somente Lohan pôde ouvir.

— Sim, abaixo do dorso da ave fica a escápula — afirmou Lohan, sem tirar a mão da testa. — Foi o que Jorba me explicou há pouco.

Jorba olhava a peça juntamente com Suryanne de forma tão curiosa que até se esqueceu do nervosismo que estava sentindo.

— Dorso? — hesitou Suryanne. — Haaa... como eu pude esquecer? Agora estou recordando. Logicamente, esta é uma escápula do tamanho exato para um corvo das montanhas. Parabéns, Jorba, como sempre você não me decepcionou — disse Suryanne sorrindo, enquanto

entregava a escápula da falecida ave para Jorba, que retribuiu o sorriso da forma mais natural que pôde naquele momento.

— Até mais, rapazes — despediu-se a garota, enquanto partia agitando as mãos para os dois, que imitaram o gesto, até Suryanne entrar na cabana onde morava.

— Por que nunca me disse que entendia de anatomia de animais? — perguntou Jorba abismado. — Ainda bem que vai me ajudar, eu tenho uma coleção inteira de ossos não identificados esperando pelo seu conhecimento.

— Eu vou tentar te ajudar, mas saiba que não entendo nada de anatomia — falou Lohan sinceramente.

— Como não? Então de onde tirou aquela frase: “Sim, abaixo do dorso da ave fica a escápula”, me diga... — disse Jorba mudando a voz para tentar imitar o amigo. Lohan achou que a voz imitada por Jorba tinha ficado muito mais fina do que deveria.

— Não sei, apenas falei o que me veio à mente no momento.

Acho que eu apenas a confundi. Não posso ter acertado... — explicou Lohan calmamente.

— E você acha que a Suryanne, logo ela, a garota mais inteligente da vila, poderia ser enganada assim?

Lohan o encarou em silêncio por alguns segundos.

— Jorba! Você acha que eu realmente acertei? — perguntou Lohan, estranhando a possibilidade, enquanto se dirigia novamente à cabana.

— Eu acho.

— Não pode ser... eu não me lembro de sequer ter ouvido a palavra escápula antes.

— Rapaz, confesso que quando você faz isso quase chego a ter medo de você — disse Jorba, com os olhos arregalados.

Lohan sorriu para o amigo. Lembrou-se de outras vezes que surgiram em sua mente informações que não recordava como havia adquirido. Como se contasse com um estranho sexto sentido para ajudá-lo.

— Talvez, quando você era apenas um bebê, alguém tenha lhe falado sobre escápulas. Essa informação deve ter ficado gravada em seu subconsciente, e seria natural não se lembrar como aprendeu isso. Não seria? — perguntou Jorba, com seriedade.

Lohan olhou para o amigo com cara de quem não concordava.

Jorba continuou:

— Ouvi dizer que as pessoas só são capazes de recordar detalhes depois que passam da idade em que acordar com o colchão da cama molhado deixa de ser rotina — disse Jorba tentando esclarecer a improvável teoria.

De repente, a voz de uma mulher ecoou por uma das janelas:

— LOHAN?!

— JÁ ESTOU INDO! — respondeu o garoto para Judit, sua mãe.

— EU TAMBÉM ESTOU INDO! — gritou Jorba na seqüência.

— Espero que ela realmente tenha feito aquela delícia — comentou Jorba, enxugando a saliva que escapava pelo canto da boca novamente.

— VENHAM LOGO! — berrou Judit, percebendo que a voz aguda só poderia ser de Jorba.

As cabeças de Lohan e Jorba apareceram na janela. Judit, que estava cortando o bolo recém-preparado, tomou um susto, deixando cair a faca sobre a mesa.

— Quando vocês vão perder essa mania? — perguntou Judit, verificando com a mão a palpitação do coração após o choque. — Por que simplesmente não aparecem pela porta como pessoas comuns?

E por que sempre voltam quando já está escuro? Lohan, eu já te pedi para voltar mais cedo.

— Desculpe, mãe — disse Lohan, lembrando que seria impossível atender esse pedido, já que sentia enorme prazer em acompanhar o pôr-do-sol dos altos galhos da seringueira.

— Olá, dona Judit — cumprimentou Jorba com tom de felicidade na voz, sorrindo e com os olhos entreabertos. — Seus olhos escuros estão mais lindos hoje!

— Olá, Jorba. Obrigado pelo elogio. Creio que ficou sabendo da existência de mais um dos meus bolos?

— Tenho de admitir que sim — afirmou Jorba, desta vez com dois filetes de saliva escorrendo pela boca.

— Jorba, avise sua mãe que você estará aqui e volte para comer. Ela deve estar preocupada — pediu Judit.

Jorba correu para a cabana vizinha e enfiou a cabeça na janela.

— AAAHHHHH! — alguém gritou ao longe. — MOLEQUE, EU JÁ FALEI PRA VOCÊ PARAR COM ISSO! VOCÊ AINDA ME MATA DE SUSTO!

Jorba correu de volta para junto de Lohan, enfiou a cabeça gorda novamente para dentro da janela e disse:

— Que pessoal mais assustado... de qualquer forma, o recado está dado. Aguardo um pedaço do seu maravilhoso bolo, dona Judit. Não sei nem como agradecer.

Judit sorriu. Jorba adorava seus bolos, vivia dizendo isso e agradecendo a oportunidade de saboreá-los. Sempre arrumava um jeito de dizer o quanto era bela para agradar-lhe. Elogiava seu cabelo longo e escuro, seus olhos negros, a pele clara ou a roupa que vestia.

— Só não comam muito, pois vocês já vão jantar — aconselhou Judit.

Lohan e Jorba deliciaram-se com poucos pedaços do bolo e se despediram.

Lohan abriu a porta da cabana e seu irmão de apenas três anos estava na sala observando a lareira que acabara de ser acesa. O garoto estava todo sujo de terra e seu nariz estava escorrendo. O cabelo escuro em forma de tigela mais parecia uma peruca marrom de tão encardido.

Quando o pequeno viu sua mãe se aproximando, partiu em disparada.

— Toe, volte aqui! Pensa que vai se livrar do banho?

As pequenas pernas não foram tão ágeis. Acabou no colo da mãe dando gargalhadas.

— Lohan! Seu pai deve estar chegando. Lave-se também antes do jantar — falou Judit, sorrindo e dando um beijo no rosto do filho, dirigindo-se, em seguida, para a porta dos fundos da cabana.

Após Lohan retribuir o beijo, dirigiu-se até a janela. Lá vinha seu pai caminhando rapidamente. A quase extinta luz do Sol que refletia vermelho-sangue mostrava somente o vulto do homem se aproximando.

Para Lohan, o cabelo comprido, o olhar concentrado, as vestes que Gullian trajava, juntas ao corpo forte e de estatura elevada, tornava-o um valente guerreiro.

Seu pai conhecia o mar e muitos outros lugares fascinantes. Gullian era o guerreiro em que Higuero confiava para manter a segurança em suas vilas, sendo o único que possuía o poder de decidir algo sem a prévia permissão do astuto mago. Tinha ao seu dispor a ajuda de vários guerreiros. Com seu pequeno exército, mantinha a defesa armada para combater as ameaças que espreitavam as três vilas que Higuero possuía dentro de seus territórios. Por esses, entre outros motivos, Lohan sentia orgulho de seu pai.

Lohan caminhou até a porta e a abriu para a passagem do pai, porém, ele não chegou a entrar.

— Olá, filho! Onde está sua mãe?

— Foi dar banho no Toe — respondeu Lohan, percebendo o pai preocupado.

— Diga a ela que precisei ir até Higuero e estarei retornando assim que possível — falou Gullian, enquanto conferia se a grande espada estava bem presa às costas. — Talvez eu demore.

— Darei o recado. Algo grave?

— Assuntos sobre os quais Higuero deve estar informado, provavelmente falaremos sobre isso amanhã. Vim buscar uma tocha e o cavalo, filho. Acenda-a, por favor — pediu Gullian, apontando para a parede de madeira.

Lohan tirou a tocha que ficava presa à entrada da cabana, correu para dentro e colocou sua ponta sobre o fogo da lareira. Voltou e a entregou a Gullian, que já se encontrava montado sobre seu cavalo branco chamado Faísca, pronto para iniciar a cavalgada em direção ao castelo de Higuero.

— Tome cuidado! — alertou Lohan.

— Vejo-te em breve e não se preocupem comigo — despediu-se Gullian.

Lohan acenou e assistiu a seu pai sumir. Observou até não poder mais ver a luz da tocha vacilando na escuridão.

O castelo ficava a alguns quilômetros de distância. Era rotina seu pai ir até ele, porém, para ir sozinho à noite, deveria ser um assunto muito importante a ser levado para Higuero.

Lohan foi até o lago, que ficava a alguns metros atrás da cabana, para dar o recado à mãe.

— Ouvi o trotar de um cavalo! Quem era, Lohan? — perguntou Judit, enquanto lavava as orelhas do pequeno Toe, que resmungava e batia as mãos na água.

— Era meu pai, que montou em Faísca e partiu. Disse que talvez demore a voltar e que precisava falar com Higuero imediatamente. Disse também para não nos preocuparmos.

Lohan percebeu que esta última frase não fez efeito. Judit franziu a testa, denunciando a preocupação. Tentou disfarçar em vão.

— Espero que não demore. Bom, então tome logo seu banho. O jantar já vai para a mesa — falou a bela mulher, enquanto enrolava Toe na toalha.

Sem a ajuda da Lua, uma fogueira iluminava aquele ponto do lago. Mesmo estando dentro da vila, a idéia de ficar do lado de fora da cabana, em uma noite escura como aquela, não o agradava. O garoto lavou-se rapidamente e voltou para dentro. O jantar estava servido. O aroma agradável fez com que Lohan enchesse a boca d'água. Enquanto Lohan se servia, Toe espalhava a comida pela mesa gritando que queria leite.

Ouviram um cavalo aproximar-se da entrada da cabana. Duas batidas vindas da porta soaram fortes.

— Veja quem é, filho — pediu Judit.

Lohan afastou a cortina e espiou pelo canto da janela. Era Fargus. Com certeza, o melhor guerreiro do exército de seu pai. Fargus não era alto como Gullian, porém, mais jovem e com certeza mais forte. Dono de uma expressão rude, seus olhos eram negros e sua cabeça raspada não possuía um fio de cabelo sequer.

— Lohan, seu pai está? — questionou Fargus apressadamente, antes mesmo de Lohan acabar de abrir a porta.

— Saiu há pouco tempo.

— Ele foi até Higuero?

— Quem é, Lohan? — questionou Judit. Toe continuava a berrar.

— É Fargus. Está perguntando por meu pai — respondeu o garoto.

— Tudo bem, filho. Diga a ele — assentiu Judit, levantando-se para servir o leite ao pequeno desesperado.

— Ele foi até Higuero e não sabe se vai demorar — disse Lohan para o guerreiro.

— Mas por que ele foi agora à noite? Deveria ter aguardado até amanhã — preocupou-se Fargus.

Lohan levantou os ombros.

— Ele foi sozinho?

— Somente com Faísca.

— Ele deveria ter me chamado — falou Fargus para si mesmo. — Tenho de ir! Tentarei alcançá-lo. Obrigado, Lohan.

Lohan acenou, despedindo-se.

Fargus montou seu bonito cavalo de cor marrom, chamado Flecha, e avançou, deixando-se engolir pela escuridão sem uma tocha sequer. Ouvia-se apenas o trotar do ligeiro animal esvaindo-se na noite.

Fim do capítulo 1